



A UNÇÃO DE BETÂNIA (12, 1-11)

“Enquanto o rei está assentado à sua mesa, o meu nardo exala o seu perfume”. (Ct 1,12)

1 ESTRUTURA DO TEXTO

➤ Estrutura (Mareano, p. 99) - Esquema Quinário

A' Situação Inicial – Chegada de Jesus a Betânia e o jantar (v. 1-2)

B' Transformação – Maria unge os pés de Jesus (v. 3)

C'' Complicação – Questionamentos de Judas (v. 4-6)

B'' Deslanche – Jesus defende Maria (v. 7)

A'' Situação Final – Prelúdio de Morte: “a mim nem sempre tereis” (v.8)

- Segundo as pesquisas exegéticas, possivelmente os versículos de 9-11 são acréscimos.

2 A COMUNIDADE DE BETÂNIA

O nome Betânia tem sua origem no hebraico *beit-te'edah*, que quer dizer “casa do pobre”. Em João, Betânia é o lugar da sua comunidade, é ali que se celebra a festa, por ser o lugar da vida. Não tem localização precisa; faz paralelo com a frase: “a Betânia onde estava Lázaro” (cf. Jo 1,28). Refere-se ao lugar ideal da comunidade, fora do mundo judaico. Betânia é identificada como sendo o lugar onde está Lázaro, morto e vivo ao mesmo tempo, é a comunidade de Jesus na qual a vida venceu a morte. (BARRETO, p. 526-527)

3 MARTA, MARIA E LÁZARO – PROTÓTIPO DA COMUNIDADE

Maria (do hebraico *Miriam*) = a amada, mulher muito amada

Marta = (aramaico *Martha*) = *senhora*, dona, protetora da casa / do lar.

Lázaro (do grego, *correspondente a Eleazar*) = Deus socorreu, Deus ajudou.

A diversidade de grupos existentes na comunidade joanina exigiu-lhe maior abertura e constante aprendizagem para a convivência com pessoas de mentalidades diferentes. Essa experiência só foi possível por meio da vivência do amor (Jo 15,12-15). O grupo de Betânia, representado por Lázaro, Maria e Marta (Jo 11,1-44), retrata bem essa comunidade. Um grupo que acredita na presença de Jesus como portador de vida nova e vive a experiência do amor; uma comunidade de amigos, de pessoas que se amam e cuidam umas das outras.

3 ANÁLISE SEMÂNTICA

3.1 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

A narrativa em João modifica o relato dos sinóticos (Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Lc 7,36-50) em diversos pontos:

- ✓ data o acontecimento seis dias antes da Páscoa (em Mc 14,3 não tem data);
- ✓ a mulher é nomeada: Maria de Betânia e a casa se enche de perfume;
- ✓ Judas, caracterizado como o traidor e como ladrão interessado na caixinha, critica a atitude de Maria (em Mc – “*alguns*”, em Mt, “*os discípulos*”, em Lc, “*o fariseu Simão*”);
- ✓ ainda, João acentua a ausência de Jesus (“*a mim nem sempre tereis*” 12,8). (KONINGS, p. 233)

3.2 DESENVOLVIMENTO

Seis dias antes da Páscoa (v. 1) - dia da criação do homem (Gn 1,26-31). Em João precede a morte, faz referência a hora final (12,20s). Aparece como a fronteira entre dois períodos históricos: a hora a qual tendia toda a esperança anterior e a hora que dá origem a nova criação.

Páscoa – A *Pesah* é considerada a maior festa judaica; também conhecida como “Festa da Libertação”, sendo uma das três festas de peregrinação ao Templo de Jerusalém. Assim, o judaísmo pós-bíblico dedica um tratado especial da *Mishnah* (*Pesachim*). Originalmente esta era uma festa agrícola, posteriormente, se tornou em Israel a comemoração por excelência da libertação do Egito; a Páscoa era provavelmente uma festa pré-israelita, a dos Ázimos (Ex 12,43; Nm 9,12; 2Rs 23,23; Cr 35,6). No texto temos uma releitura da comunidade Joanina. A comunidade recorda o sentido da Ceia, não mais como judaica, mas como Ceia de Jesus. Representa a celebração que a comunidade cristã faz da vida de Jesus.

Lázaro (o morto) - (v. 1) - não utiliza o termo ressuscitado. Lázaro está (a mesa) - comensal passivo (estava reclinado com ele à mesa) – está em relação exclusiva com Jesus. Segundo Barreto, o versículo 01 é uma adição ao texto primitivo – encontrado no testamento mais antigo (papiro 66) e em outros códices valiosos (A, D).

Ceia (v. 2) - banquete fúnebre. Na narrativa, o banquete em memória de um morto transforma-se em ação de graças para celebrar a presença do doador da vida. Remonta ao tempo em que as comunidades celebravam nas casas (At 2,46).

Perfume (v. 3) – Antes da influência grega, era vulgar o uso de perfumes entre os hebreus e outros orientais, assim, eram permitidos apenas dois perfumes: um para ser oferecido sobre o altar de ouro, outro para ungir o sumo sacerdote e os vasos sagrados (cf. Êx 30, 23.25.34).

Libra de perfume de nardo autêntico (v.3) – amor sem mancha. Para descrever a cena, João utiliza a linguagem de Cântico dos Cânticos, mostrando que Maria, representante da comunidade, assume o papel da esposa com referência a Jesus. Assim, em Ct 1,12: enquanto o rei (= o esposo) está em seu divã (cf. Jo 12,2 reclinado), meu marido difunde seu perfume (Jo 12,3). O tema dos cabelos também se encontra em Ct 7,6: “com tuas tranças cativas um rei”.

O uso do termo *pistikês*, derivado de *pistis*, raramente se refere às coisas, de modo que, na perícopa adquire o sentido de pessoa: fiel, digno de fé. Possui, assim, um valor simbólico, algo que não é adulterado. Representa o amor fiel da comunidade que responde ao de Jesus. (Cf. BARRETO, 1999, p. 525)

O novo perfume da ressurreição e da vida supera o mau odor da morte de Lázaro

Maria (servia) - (v. 3) João dá nome à anônima (Mt 26,6; Mc 14,3) e à pecadora (Lc 7,37): Maria de Bethânia. Historicamente, Maria de Bethânia não é nem Maria Madalena, nem a pecadora, nem pertence às Três Marias, mas, parte da família de Betânia, protótipo da comunidade ressuscitada por Jesus, perseguida pelos judeus de então e com vida semelhante ao do Mestre.

Secar com o cabelo (v. 3) – No sentido bíblico, uma mulher que cortasse o cabelo ou deixasse de usar o véu estava dizendo perante a sociedade que não mais estava sob a responsabilidade do marido, pai ou irmão mais velho, o que na maioria dos casos caracterizava a prostituída socialmente. (Dt 22,5; 1Co 11,3-15). No evangelho de João, em uma realidade de violência, as mulheres são destacadas em sete momentos do Evangelho de João e sempre de forma positiva como aquelas que colaboram com Jesus na descoberta e realização da sua missão.

Ungiu os pés (v. 3) – Segundo a tradição os reis eram ungidos com unguento perfumado com mirra. O unguento era guardado em vasos de alabastro e, assim como o vinho, quanto mais velho, mais caro e melhor era. (1Sm 10,1; 2R 9,3; 11,12). A literatura destaca a majestade de Jesus: o óleo precioso, a unção dos pés e o bom odor espalhado. Porém em João, não é ungida a cabeça, mas os pés, e ainda utiliza o perfume no lugar da água = metáfora do serviço com amor. Este amor tem como centro Jesus, que enche a casa, ou seja, estende-se a todos e cria o ambiente da comunidade.

A casa encheu-se de perfume (v. 3) - contraste com Jr 25,10 – “*Farei cessar a voz alegre e a voz de gozo, a voz do noivo e da noiva, a fragrância do perfume e a luz da lâmpada*”. E ainda com Ct 1,3 – “*existe de novo a fragrância do amor*”.

Judas Iscariotes (v. 4) – voz divergente da comunidade. “Por que o perfume não foi vendido?” Nos sinóticos quem critica são “alguns” (Mc) e “os discípulos” (Mt). Recurso literário: a figura de Judas opõe o carinho e a solicitude de Jesus para com os pobres. Judas não é pelos pobres, mas pela caixinha dos pobres; Judas privatizava para si o que era destinado aos pobres (cf. 13,29).

Trezentos dentários (v. 5) – Um dia de um trabalhador (Mt 20,2; 22,19; Mc 6,37; 2;15; Lc 20,24; Jo 6,7; 2.5; Ap 6,6). A soma representa quase um ano de trabalho – valor alto. Porém João utiliza uma moeda em desuso recordando as trinta moedas de Mt 26,15; 27,3.9 – a literatura joanina vale-se de grandes coisas para valorizar as atitudes de Jesus.

Pobres (v. 8)– A pobreza em Israel estava associada principalmente com a morte do chefe da casa ou com o estrangeiro sem terra; sendo eles: pobres; viúvas, órfãos e estrangeiros (Dt 10,8; 24,7; 27;19; Sl 96,6; Is 1,17).

Ladrão (v. 6) – Encontra-se na categoria de pecado e impureza juntamente com os assassinos, prostitutas e adúlteros. (Lv 6,2; Ex 22,1s; Sl 50,18; Pv 6,30). A lei do puro e do impuro definia quem estava mais perto e quem estava mais longe de Deus.

Guarde para o dia da sepultura (perfume) (v. 7) – A tradição não permite passar perfume no morto. A preparação do corpo é conhecida como *Tahara*, o momento de purificação: um banho cuidadoso com água pura é feito cuidadosamente, enquanto preces são recitadas pedindo perdão – em nome do falecido e pelos possíveis pecados cometidos em vida. (Gn 3,19; Dt 21,1ss; Pr 22,2)

“É melhor ir a uma casa onde há luto do que a uma casa em festa, pois a morte é o destino de todos; os vivos devem levar isso a sério!” (Ec 7,2)

“Os podres os tendes sempre, a mim não haveis de ter” (v. 8) – *echete - meth/heautôn*, o correto no grego seria *meth/hymôn* – a negação representa uma interrupção no estado colocado em futuro imediato.

O amor é festejado na agora! Só o amor é capaz de ultrapassar as diversas formas de preconceito que impedem o relacionamento entre as pessoas. A comunidade que era constituída por pessoas de diferentes grupos, culturas e mentalidades: judeus, discípulos de João Batista, galileus, samaritanos, estrangeiros, doentes, pobres, ricos, é chamada a viver a nova aliança, baseada no amor e na solidariedade universal.

(CENTRO BÍBLICO VERBO, p. 4)

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. / CENTRO BÍBLICO VERBO. “Permaneçei no meu amor para dar muitos frutos” (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João. **Vida Pastoral**, São Paulo, Vida Pastoral, n. 305, p. 3-12, set./out. 2015. / KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João**: amor e fidelidade. Petrópolis: Vozes, 2000. / MAREANO, Marcus Aurélio Alves. Uma análise narrativa da unção de Jesus em Betânia (Jo 12,1-8). **Teoliterária**, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 95-105, 2014. / MATEUS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**. São Paulo: Paulus, 1999. / SANTE, Carmine de. **Liturgia Judaica**: fontes, estrutura orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.